



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**MEIRIELY CORREIA DE OLIVEIRA**

**A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DO PROCESSO FORMATIVO PARA O  
TRABALHO COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Maceió  
2025

MEIRIELY CORREIA DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DO PROCESSO FORMATIVO PARA O  
TRABALHO COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Artigo apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Orientador: Prof. Dr. Givanildo da Silva

Maceió  
2025

MEIRIELY CORREIA DE OLIVEIRA

**A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DO PROCESSO FORMATIVO PARA O  
TRABALHO COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Trabalho apresentado ao Colegiado do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção da nota final do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

**Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12/03/2025.**

**Orientador: Prof. Dr. Givanildo da Silva (CEDU/UFAL)**

**Comissão Examinadora:**

---

Prof. Dr. Givanildo da Silva (CEDU/UFAL)  
Presidente

---

Profa. Dra. Jeane Felix da Silva (CEDU/UFAL)  
2º Membro

---

Prof. Dr. Andresso Marques Torres (CEDU/UFAL)  
3º Membro

# **A MEMÓRIA COMO INSTRUMENTO DO PROCESSO FORMATIVO PARA O TRABALHO COM ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

Meiriely Correia de Oliveira  
[meirielycorreia6@gmail.com](mailto:meirielycorreia6@gmail.com)  
Prof. Dr. Givanildo da Silva  
(Orientador)

**RESUMO:** A Educação de Jovens e Adultos é um direito garantido na Constituição Federal de 1988. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho foi analisar as memórias dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre a infância, o trabalho e o retorno escolar, com a finalidade de refletir sobre o potencial da memória no processo formativo. Teve como objetivos específicos: conhecer a infância dos sujeitos entrevistados, analisar a importância do trabalho na vida desses sujeitos e compreender como a memória implica no retorno escolar. A pergunta de pesquisa foi: de quais maneiras a memória pode se tornar potencialmente apta para auxiliar no processo formativo dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos? A metodologia foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa explicativa com características participantes. A reflexão sobre tais assuntos mostraram resultados referentes à importância da valorização da memória como dimensão social, como reconhecimento da sociedade, mostrando as diversas formas pelas quais as memórias dos sujeitos podem servir como uma base de dados sobre diversos períodos. Para além disso, o reconhecimento da memória sobre os diversos momentos da vida do sujeito, aluno da Educação de Jovens e Adultos podem trazer benefícios no processo formativo desse estudante.

**Palavras-chave:** Educação de Jovens e Adultos. Memória. Processo formativo.

## **INTRODUÇÃO**

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394, de 20 de dezembro de 1996, “será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida”. Ela é garantida através da Constituição Federal de 1988, que em seu artigo 205 define a educação como um direito de todos, com o objetivo de preparar a pessoa para o exercício da cidadania e para o trabalho, juntamente do artigo 206 que garante o acesso ao ensino obrigatório e gratuito. Diante dessa garantia de direitos, a Educação de Jovens e Adultos se tornou uma área educacional garantida pela constituição federal brasileira, em serviço para a população, porém este direito ainda enfrenta diversos percalços para se tornar acessível ao seu público alvo.

Outros decretos e leis que garantem a Educação de Jovens e Adultos são a Resolução CNE/CEB nº 1/2000: estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos, a Lei nº 10.880 que institui o Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos (Peja) e a Resolução CNE/CEB nº 3/2010 que institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos em relação à duração dos cursos; à idade mínima para ingresso nos cursos de EJA; e à idade mínima e certificação nos exames de EJA. Um caminho que visa a garantia e o oferecimento dessa modalidade educacional está sendo trilhado no território brasileiro e em nossa sociedade, buscando as garantias que devem existir a todo cidadão.

A pesquisa que deu origem a este trabalho foi realizada a partir de um projeto de extensão na qual a autora participou como bolsista. Este projeto é denominado como “Sentidos e aspirações sobre o retorno da EJA à escola”. Ele foi realizado entre agosto e dezembro de 2022, em uma escola localizada no município de Atalaia, coordenada pelo Prof. Dr. Givanildo da Silva e financiado pela Pró-Reitoria de extensão da Universidade Federal de Alagoas. O objetivo principal que se pretendia alcançar através do projeto de extensão era o de compreender os motivos que levavam os estudantes a voltarem à escola, isso a partir das análises das memórias dos seus processos educativos.

Sendo um projeto de extensão um campo de possibilidades para a descoberta de diversos temas, este foi essencial pois possibilitou uma visão da educação de jovens e adultos que antes não era percebida por parte da pesquisadora em questão. Desta forma, foi possível estabelecer um contato com os alunos da Educação de Jovens e Adultos, contato que possibilitou a aproximação com os temas nos quais inspiraram este trabalho de conclusão de curso, que é a memória como dimensão social e como parte do processo educativo. Este interesse surgiu a partir de um dos encontros realizados durante o projeto, especificamente o primeiro encontro, em que os estudantes relataram suas memórias de história de vida e dos seus primeiros contatos com a escola ou a falta dele.

Após o período de observação que consistiu em participar de cinco aulas, estas que serviram para a formação do perfil dos alunos, nas quais foram buscadas coletar dados para formular questões como quantidade de alunos, gênero e faixa etária. Foram realizados quatro encontros, todos consistiam em uma roda de conversa, dinâmicas e, por fim, uma atividade escrita, já que os dias de encontro tomavam todo o tempo de uma aula. O primeiro consistia em conhecer suas

histórias e reacender a importância de conhecer sua própria identidade; o segundo encontro tinha como eixo central a escola, como os estudantes a veem e qual o sentido dela para eles; o terceiro encontro buscava compreender o que os motivou a retornarem à escola e descobrir junto com eles o que querem para o futuro; o quarto e último encontro buscava entender qual o sentido da escola para eles, quem os apoiavam, qual sua relação com os componentes da escola e suas experiências desde escolas passadas a professores

No caso deste recorte, apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso, teve como objetivo principal analisar os depoimentos dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre as memórias relacionadas à infância, o trabalho e o retorno escolar, buscando refletir sobre o potencial da memória no processo formativo. Teve como objetivos específicos: conhecer alguns recortes sobre a infância dos sujeitos entrevistados, compreender a importância do trabalho na vida desses sujeitos e perceber como a memória sobre seus processos formativos implicam em seu retorno escolar. A pergunta desta pesquisa foi: de quais maneiras a memória pode se tornar potencialmente apta para auxiliar no processo formativo dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos?

A metodologia foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa, utilizando a pesquisa explicativa com características participantes. Segundo André (2010, p.97), "as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e sendo por ela transformados". Sobre a pesquisa explicativa Gil (2002, p. 42) vai nos afirmar que "essas pesquisas têm como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos", a característica participante está na coleta de dados utilizada na pesquisa, através do envolvimento da pesquisadora com os participantes. Entende-se então que esse tipo de pesquisa estuda acontecimentos que podem ser vivenciados. Assim, esta pesquisa se baseou no cotidiano dos alunos durante o projeto de extensão, tendo os relatos da memória dos participantes como fonte para a coleta de dados.

O presente artigo se divide em quatro partes. A primeira destinada a montar um perfil em âmbito nacional dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos; a segunda se põe a trazer uma discussão sobre a memória como dimensão social; a terceira parte apresenta casos específicos dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos e suas memórias e a quarta e última parte apresenta as considerações finais do presente trabalho.

## OS SUJEITOS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

O perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos é diverso e vem ampliando os horizontes investigativos no âmbito educacional, isso porque a temática é relevante e contribui em diferentes aspectos no espaço escolar que trata da Educação de Jovens e Adultos. Esta modalidade de educação é formada por pessoas da sociedade que são marginalizadas em diferentes aspectos político-sociais. Neste sentido, nota-se que a Educação de Jovens e Adultos não têm a mesma visibilidade que as demais modalidades educacionais, sendo uma modalidade que lida com a falta de recursos, a marginalização, a falta de professores e a evasão escolar, tornando-se, em muitas situações, ofertadas em condições precárias e sem um aparato político-institucional que contribua para a oferta de boa qualidade.

A Educação de Jovens e Adultos é formada por uma diversidade de público que têm características distintas e ampliam os desafios no processo de escolarização. De acordo com Costa e Amorim (2020, p. 6):

A EJA tem sido procurada de forma crescente por uma demanda heterogênea da população, que apresenta um perfil que vem mudando em relação à idade, comportamento, atitudes e expectativas. Trata-se de um jovem, adulto ou idoso que historicamente vem sendo excluído por falta de acesso à escola, pela exclusão da escola regular, pela necessidade de trabalhar e cuidar dos filhos, sendo diversas as situações da não continuidade nos estudos.

Diante dos aspectos apresentados pelas autoras, a reflexão sobre esse tema precisa ser aprofundada, pois cada etapa tem suas particularidades. Isso porque cada faixa etária terá a sua especificidade, sendo necessário o cuidado para um processo escolar que valorize o público que frequente a Educação de Jovens e Adultos, mobilizando culturas, saberes e comportamentos. O aluno adulto apresenta maior experiência de vida, que repercute na sua forma de ver e compreender o mundo. Na perspectiva de Costa e Amorim (2020, p. 7), “o perfil do aluno adulto é provido de esperança, de busca por um futuro melhor, pois estão cheios de angústias, que são causadas por insucessos escolares, pessoais, na busca de um recomeço diferente”. Dessa forma, é importante que a escola saiba lidar com as expectativas desses estudantes que, em sua maioria, vivenciou uma tentativa de escolarização sem sucesso.

Em relação ao aluno idoso quando adentra a sala de aula, geralmente é após algumas décadas e carrega consigo uma necessidade de reparação e busca de algo que ainda pode ser

adquirido. Isso porque conviver em uma sociedade letrada exige deles determinados domínios nas quais passaram a vida toda sem ter, como é o caso da leitura e da escrita. O que acontece é a busca pela educação de forma reparadora e no contexto atual uma busca por aprendizado e participação.

Segundo Costa e Amorim (2020, p. 7)

Outro tipo de perfil que adentra a essa modalidade de ensino básico é do idoso. O crescimento da população idosa é uma constante em nosso país e a qualidade e as condições ofertadas nem sempre levam em consideração as especificidades desses indivíduos. O retorno desses educandos ao mundo escolar é significativo, pois, para eles o retorno à escola poderá garantir uma ocupação e uma melhor participação na sociedade.

Nessa busca por identificar o perfil destes estudantes, encontra-se o que muitos imaginam ser um dos pilares em qualquer tema envolvendo a Educação de Jovens e Adultos. A questão socioeconômica interfere na vida das pessoas que retornam para a escola e nela esperam se dedicar, porém a realidade que vai além dos muros da escola é a que muitos deles enfrentam no seu cotidiano. O trabalho está entrelaçado à questão da necessidade e mostra que o trabalhador é um dos principais constituintes do perfil dos sujeitos dessa modalidade.

De acordo com Siqueira (2009, p. 34):

Muitas vezes, em conversas informais dentro e fora da sala de aula e sem o exercício do poder ou mesmo tentando amenizá-lo (professor & aluno/a) descobre-se que os estudantes desta modalidade de ensino entraram precocemente no mercado de trabalho, muitas vezes abandonando a escola para trabalhar na roça com seus pais, [...] ou ainda, uns iam trabalhar nas fábricas a fim de receber um salário e contribuir no provimento financeiro da família e outros ficavam em casa para suprir as necessidades da mesma, tais como cozinhar, lavar roupas, passar roupas, cuidar dos irmãos mais novos, arrumar a casa, enfim, os afazeres domésticos diários que eram dispensados principalmente aos membros do sexo feminino e jovens ou crianças.

Nota-se que nem todos os estudantes da Educação de Jovens e Adultos estão presentes no mercado de trabalho. No entanto, é algo entrelaçado na maioria das histórias desses estudantes, já que necessitam garantir sua sobrevivência. O que mudou esse quadro foi a chegada dos jovens, que, por sua maioria, também são trabalhadores. O que não muda o fato de que a Educação de Jovens e Adultos é procurada por pessoas trabalhadoras e esperançosas, “são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar” (Cardoso; Ferreira, 2012, p. 65).

No Brasil o analfabetismo está em grande número, embora ele tenha diminuído em comparação a outros anos. Mas isso não inviabiliza a questão de que ainda existe um número de pessoas não alfabetizadas no país. Essas taxas também se relacionam com o trabalho, já que de

acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2023), “a necessidade de trabalhar foi a principal justificativa dos jovens com 14 a 29 anos de idade para abandonarem a escola, motivo informado por 40,2% neste grupo etário”. O IBGE (2023) apresenta dados específicos sobre essa questão:

A taxa de analfabetismo recuou de 6,1% em 2019 para 5,6% em 2022. O Nordeste tinha a taxa mais alta (11,7%) e o Sudeste, a mais baixa (2,9%). No grupo dos idosos (60 anos ou mais) a diferença entre as taxas era ainda maior: 32,5% para o Nordeste e 8,8% para o Sudeste

Esses dados vão apresentando questões mais específicas. O IBGE evidencia que “das 9,6 milhões de pessoas com 15 anos ou mais de idade que não sabiam ler e escrever, 59,4% (5,3 milhões) viviam no Nordeste e 54,1% (5,2 milhões) tinham 60 anos ou mais”. Nesse recorte o Nordeste ganha um destaque negativo e os idosos se caracterizam como a população menos letrada do país. Os dados apontam, ainda, que uma determinada raça é mais afetada. Segundo o IBGE (2023):

Entre as pessoas pretas ou pardas com 15 anos ou mais de idade, 7,4% eram analfabetas, mais que o dobro da taxa encontrada entre as pessoas brancas (3,4%). No grupo etário de 60 anos ou mais, a taxa de analfabetismo dos brancos foi de 9,3%, enquanto entre pretos ou pardos ela chegava a 23,3%.

Compreende-se que a Educação de Jovens e Adultos ainda tem um longo caminho a percorrer, o que destaca o quanto as políticas públicas precisam ser voltadas a essa determinada modalidade de ensino. Vasques, Anjos e Souza (2019, p. 2), afirmam que “a Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em 1990 na Tailândia, trouxe o foco das discussões sobre os pobres e excluídos da sociedade, afirmando a educação como direito de todos”. Este que é um direito de todos e que deve ser garantido, pois existe uma legislação que assegura sua atuação na sociedade

Vasques, Anjos e Souza (2019, p. 2), vão nos afirmar que:

Nas últimas décadas, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem sendo delineada legitimamente, construindo um espaço de garantia nas políticas educacionais. A Constituição Brasileira de 1988, em seu Art. 208, reconhece a educação como direito de todos; esse artigo prevê como dever do Estado a garantia do Ensino Fundamental, obrigatório e gratuito, a despeito da idade (Vasques; Anjos; Souza, 2019, p. 2).

Garantir o acesso aos estudantes da Educação de Jovens e Adultos deveria se tornar algo prioritário para os municípios brasileiros. Enquanto isso não acontece é importante lidar com o que se é recebido na Educação de Jovens e Adultos, o aprimoramento dos profissionais dessa

demanda se torna necessário. Já que a presença do aluno na sala de aula é a garantia da sua participação na sociedade, esta que necessita ser preparada para a recepção dessas pessoas. Para além disso é importante haver condições de aprendizagem e de permanência desses alunos, dentro de seus contextos, para assim a escola poder se tornar uma ponte entre as pessoas e a inserção delas numa sociedade letrada.

De acordo com Vasques, Anjos e Souza (2019, p. 2):

A garantia da oferta de vagas para a modalidade de Jovens e Adultos é muito mais do que uma política de governo; é um direito conquistado pela sociedade brasileira com suas lutas, organizações sociais e apoios de entidades internacionais e que deve ser assegurado para o bem de uma população que deve crescer em sua participação e autonomia no mundo. A EJA demanda um modelo pedagógico próprio que considere a flexibilidade do currículo, os tempos e horários de trabalho dos estudantes e corpo docente preparado para atuar com esse público, garantindo a concretização das funções da EJA.

Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos trazem consigo uma bagagem. Esta que precisa ter toda a atenção da escola e do professor responsável, já que as experiências anteriores se intervêm entre a educação que podem receber e a que antes tiveram acesso. Essa situação pode causar a desconfiança dos alunos e aumentar o desafio para o professor. Isso porque lidar com pessoas com experiências diversas é desafiador, principalmente quando é necessário esclarecer para o aluno que este reingresso à escola não é uma continuação das tentativas passadas, mas algo novo, que utiliza dos conhecimentos prévios dele e que tem como objetivo educar pessoas para uma sociedade letrada.

Para Gomes e Lira (2019, p. 73):

Assim, conhecer o perfil do estudante da EJA e fomentar práticas que promovam seu letramento e o fortalecimento de sua autoestima, é um desafio para o professor mediador, para o Currículo e para o Projeto Educativo da escola. Para tanto, é indispensável desvendar a história, os costumes, a cultura, as características, os sonhos, as angústias e as ambições que trazem consigo as marcas indelévels da identidade dos estudantes da EJA.

O que delimitamos aqui é um breve perfil dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos. Foi buscado criar um diálogo entre os autores e os dados disponíveis, e a partir disso descobrir de onde são, quem são e quais caminhos percorreram. Esses sujeitos são, em sua maioria, trabalhadores e das camadas mais populares, que precisam de uma maior atenção por parte dos poderes públicos em relação à continuidade escolar.

## **A MEMÓRIA COMO DIMENSÃO SOCIAL**

Quando abordamos o tema sobre memória social, estamos tomando consciência de algo que nos rodeia, algo compartilhado, que diz respeito ao seu passado e ao decurso de outros indivíduos. No entanto, estamos retratando algo a mais, o que guardamos e que precisa ser compreendido, “o objeto a ser compreendido está constituído de substrato móvel e fluido, o tempo; não o tempo abstrato da Física Matemática, mas o tempo concreto e qualificado das lembranças” (Bosi, 1994, p. 279). A memória nos constitui e está sempre conosco e nos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, neles estão presentes principalmente nos seus primeiros contatos e experiências com os diversos tipos de educação.

Essa dimensão é de uma questão social, que envolve sociedade, indivíduos e mais que isso, a memória como fonte histórica, pois “ao construir qualquer conhecimento, produzimos novidades em nós mesmos, portanto, estamos também nos construindo, nesse processo, enquanto sujeitos” (Meinerz, 1999, p.9). Essa construção do sujeito se entrelaça a ele enquanto ser no mundo, com suas vivências e aprendizados, com suas marcas deixadas no mundo e a criação de suas memórias.

A memória pode ser entendida como social e coletiva, porém é preciso definir o que é memória e qual o conceito sustenta esta categoria, “consideramos memórias como plenas de conhecimentos e sensibilidades, relacionadas com o vivido. É uma memória que não é só racional, é de um sujeito inteiro. Memória é vida, possibilidade da experiência vivida” (Paim, 2011, p.90). A memória é algo relacionado com o conhecimento, o sentimento e intrinsecamente com o vivido, por isso que o autor defende que a memória é vida, porque ela é lembrança, carinho, raiva, vários sentimentos unidos e para além disso é possibilidade, de reviver, de reconhecer, reinventar e acrescentar, possibilidade de comparar e entender novamente o que foi vivido.

Há algo bonito na memória de um sujeito. As lembranças que ele carrega, sobre sua educação, ou a falta dela, sobre sua família, suas alegrias e tristezas e isso é importante para sua história de vida, que, muitas vezes, é compartilhada, pois “a memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto” (Bosi, 2004, p.16). O que é vivido pelo sujeito é guardado e muitas dessas lembranças se manifestam em sua vida adulta, principalmente quando se deparam com situações que os relembram desses momentos importantes de suas vidas.

Nesse contexto, a educação ganha um papel na retomada de memórias, que muitas vezes são sensíveis, já que o processo educacional não foi positivo para todas as pessoas, principalmente na Educação de Jovens e Adultos, em que a maioria das pessoas foi obrigada a abandonar a escola

por diversos motivos. Nessa retomada à educação, após muitos anos, o que encontramos são pessoas com diversas memórias de um período vivido e que, por hábito, acabam sempre fazendo comparação da educação que receberam na infância, com a que estão tendo agora. Isso porque quando falamos em escola nos lembramos do modelo do que seria uma escola, mas o que acaba acontecendo quando eles são chamados a falar é o compartilhamento de memórias, tornando assim a experiência coletiva.

A memória do indivíduo é particular, apresentando consigo momentos únicos vividos por ele. De acordo com Paim (2011, p. 86), “a memória está totalmente vinculada à personalidade de cada um, como e porque cada um reconstrói de novo o que viveu”. Mas quando uma memória se encontra com a memória de outra pessoa, se forma a memória coletiva, esta que enriquece um determinado momento da história, seja do indivíduo, do momento histórico que a sociedade da época passava, como política, economia, valores e várias outras questões. O que acontece a partir do compartilhamento desses momentos e das lembranças revividas é a construção de uma espécie de teia de memórias, em que se relacionam ou divergem entre si.

A memória coletiva é presente na Educação de Jovens e Adultos, porque, por muitas vezes, uma sala de aula forma um grupo de pessoas com muitas semelhanças, idade, local de nascimento, gênero, tradições e o mais importante, memórias de tempos vividos, que se assemelham entre si, principalmente quando são compartilhadas em alguma conversa ou momento de diálogo: memória coletiva (Paim, 2011). Desse ponto de vista, a memória coletiva se completa com a memória individual, pois elas podem interligar-se entre si, uma complementando o que a outra não lembra, já que a individual pode se enriquecer com a memória em grupo.

De acordo com Halbwachs (2006, p. 30):

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos e que somente nós estivemos envolvidos e objetos que nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem.

Essa lembrança social que está presente nos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos é relembrada por eles. A depender da região a memória é algo que liga vários sujeitos, como o pedido de ajuda de alguém para lembrar o antigo endereço de algum conhecido ou para relembrar características específicas de uma época, como as roupas, o vocabulário, os costumes em comum, entre outras. Esses mesmos hábitos são levados para a sala de aula. A rememoração é cotidiana.

Halbwachs (2006, p. 29-30) nos aponta que:

Assim que evocamos juntos diversas circunstâncias de que cada um de nós lembramos (e que não são as mesmas, embora relacionadas aos mesmos eventos), conseguimos pensar, nos recordar em comum, os fatos passados assumem importância maior e acreditamos revive-los com maior intensidade, porque não estamos mais sós ao representá-los para nós.

O que ainda temos visto com frequência é a não valorização da memória, pois ela é imprecisa, não tem clareza em determinados momentos. Em algumas perspectivas teóricas ela não é vista como fonte confiável, pois surgem dúvidas se alguns fatos ocorreram daquela determinada forma, naquele contexto, o que causa uma desconfiança em relação a sua veracidade, mas ela não deixa de ser importante, tanto para o sujeito, quanto para quem se comunica com ele, pois se reconhece que existem várias verdades e não só uma em específico.

Paim (2011, p. 86) afirma que a “memória está sempre ligada à lembrança e, evidentemente, o esquecimento. Lembrança e esquecimento formam um par que se complementam e se opõem ao mesmo tempo. Onde existir memória, lá estará o esquecimento e vice-versa”. A memória evoca um período do tempo e os acontecimentos que estão interligados a eles, então é esperado que exista esse esquecimento e essa imprecisão. Não esquecendo dos estudos e pesquisas que podem se beneficiar desses relatos orais muito relevantes, até porque é mais sobre o indivíduo do que sobre o outro.

A partir disso, podemos perceber que é o próprio sujeito da Educação de Jovens e Adultos que não quer perder suas memórias, mesmo as vinculadas ao seu processo educacional, que em sua maioria é descrito como insatisfatório. Existe uma necessidade deles próprios em não esquecer, “seria a distância ou a proximidade que fazem com que não demos importância para as memórias? Como as nossas memórias se cruzam com outras, o que forma o conjunto de memórias” (Paim, 2011, p. 86)

A partir desses questionamentos, nos perguntamos como as memórias dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos não são valorizadas ou discutidas. Nem realizada uma tentativa de compreensão e porque não conversadas, já que sabemos que muitas memórias são desbloqueadas pela oralidade de outros indivíduos. Principalmente a memória dos tempos em que tiveram a primeira tentativa de alfabetização, que na maioria das vezes não foram concluídas, se não a sua presença não seria nessa modalidade. É difícil ter que relembrar os momentos de insatisfação, de quando queriam compreender o mundo das pessoas alfabetizadas e por diversos motivos que

geralmente não são positivos e nem bons, eles não conseguiram. O que os motiva a retomar, é a esperança que essas memórias de momentos ruins podem proporcionar momentos bons no futuro, entendendo que aprender o que não foi aprendido e descobrir coisas novas através da educação seja a solução para diversas questões ligadas à sociedade letrada.

Fávero (s/d) afirma que:

Em se falando de educação de adultos, obviamente há fortes motivações para ser alfabetizado, válidas sempre: ler a Bíblia, escrever cartas para e ler carta de parentes, não precisar depender da ajuda de um filho ou de um vizinho para isto, tirar o título de eleitor etc. Esses motivos existiam naquele tempo, e existem até hoje, ampliados por outras necessidades, principalmente nas cidades, nas quais vivemos mergulhados no que chamamos de “sociedade letrada”.

Os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, em boa parte, são pessoas com idade mais avançada, que por diversos motivos não trazem consigo muita precisão em suas memórias, mas abordam fatos que os marcaram. Estes fatos se tornam parte da sua identidade. O indivíduo se modifica e a escola tem um papel importante nesse contexto, principalmente na valorização da história do aluno, quando estes trazem consigo uma bagagem e veem na educação uma reparação e uma oportunidade de construção de uma nova história e de novas memórias. Fávero (s.d) aponta que:

Essas questões fazem parte das memórias desses sujeitos, são as memórias dos seus não domínios que a sociedade letrada exige que fizeram com que muitos voltassem a ter esse interesse pelos estudos, então a memórias pode ser algo doloroso, pois pode lembrar do que ainda precisamos obter para realizar coisas que necessitamos, e que só pode ser alcançada através da educação, então esses sujeitos dão a oportunidade da criação de novas memórias educacionais individuais, mas que também são coletivas, porém que ele experimenta de uma forma distinta.

Nesse contexto, cabe refletir que a memória precisa ser valorizada e identificada como uma fonte importante para a sociedade. Isso porque o indivíduo é um ser histórico e que carrega consigo um pedaço da história, suas lembranças, principalmente as que impossibilitaram eles de estudarem. Elas precisam ter cautela ao serem lembradas, mas não precisam ser esquecidas, “como são individualizadas, as memórias produzem emoções e significados diferentes em cada um que as viveu. Cada um modifica a maneira de percebê-las conforme suas experiências, hábitos, afetos, convenções” (Paim, 2011, p. 87).

**A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: OLHARES A PARTIR DO COTIDIANO DA**

## ESCOLA

A pesquisa que serviu de base para este projeto foi realizada no I segmento da Educação de Jovens e Adultos em uma escola localizada no município de Atalaia, no bairro José Paulino, e atende estudantes de comunidades vizinhas, sendo estas oriundas de comunidades periféricas e vulneráveis de um atendimento político e social do poder público nos aspectos político, social, cultural e educacional.

A minha chegada à escola se deu a partir do projeto de extensão denominado, Sentidos e aspirações sobre o retorno dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos à escola, realizado entre julho e dezembro de 2022, coordenada pelo Prof. Dr. Givanildo da Silva. Seus objetivos gerais foram trabalhar propostas pedagógicas que mobilizassem os saberes e as culturas do seu cotidiano; e dessa forma, trazer para a escola suas vivências como campo de conhecimento escolar.

As propostas do projeto visavam dialogar com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos de um modo que suas vozes fossem escutadas e valorizadas através dos encontros propostos. Além disso, dinamizar o processo pedagógico da Educação de Jovens e Adultos por meio de metodologias diversificadas, como por exemplo as rodas de conversas mais interativas e oficinas, buscando refletir sobre os desafios que esses estudantes enfrentam para conseguirem permanecer na escola. Esses encontros tinham a perspectiva de valorizar os saberes e a cultura dos alunos, e que suas experiências pudessem ser trabalhadas como conteúdo escolar, buscando assim conhecer as histórias e os processos educativos desses estudantes.

A chegada à sala de aula foi possível mediante uma conversa prévia com a gestora da escola, em que foi explicado detalhes sobre o projeto, quais eram os objetivos e quais ações seriam realizadas em sala de aula. Durante esse diálogo, a gestora se mostrou bem aberta para a participação com os alunos, demonstrando interesse no projeto e oferecendo apoio em casos de necessidade. Após o aceite da gestão da escola, foi sugerida uma das turmas do primeiro segmento da escola. O diálogo com a professora daquela turma também foi tranquilo, tendo ela se disposto a ajudar em todas as formas que pudesse, foi explicitado quais eram as propostas do projeto e de quais formas elas seriam realizadas.

A turma onde foram realizadas as intervenções do projeto de extensão tinha uma média diária de 12 estudantes. Não foi possível determinar o número total de matriculados, pois alguns estudantes precisavam ser remanejados. Logo não foi disponibilizada a quantidade exata de alunos

matriculados. A maioria dos alunos tinha entre 40 e 60 anos, sendo predominantemente mulheres (8 das 12 presenças diárias). A turma era composta principalmente por pessoas negras, pardas e idosas.

Foram realizados quatro encontros com os alunos, sendo que em cada um deles os temas eram diferentes, com metodologias semelhantes, nas quais eram realizadas uma roda de conversa, uma dinâmica e uma atividade escrita, pois cada encontro tomava o tempo de uma aula. As aulas se tornavam curtas, pois os alunos, em sua maioria, são trabalhadores, não conseguiam chegar no horário. Cada encontro tinha em média uma hora e meia, então se tornou importante compreender este tempo para realizar a roda de conversa, a discussão e a atividade escrita.

O primeiro encontro com a turma consistia em conhecer suas histórias e reconhecer a importância das suas identidades, inicialmente foi realizada uma roda de conversa, em que era buscado conhecer mais sobre cada um deles e suas histórias de vida, em que muitos relatam uma vida difícil. Era importante criar uma compreensão de como eles se enxergavam, muitos relataram que se enxergavam como pessoas batalhadoras, tiveram que primeiro lutar pela família para em seguida buscar pela própria educação.

O segundo encontro foi focado na escola, como os estudantes a viam e qual o significado dela para eles. Neste dia, foram levadas imagens para os estudantes relacionarem como pertencentes a uma escola, como a foto de uma sala de aula, de canetas, lápis, carteira e outros objetos variados. Após essa dinâmica foi perguntado qual é o sentido da escola e eles afirmaram como sendo um lugar importante e que somente nela é possível garantir um futuro para seus filhos e um aprendizado para si.

O terceiro encontro foi focado em compreender o que os motivou a retornarem à escola e descobrir junto deles o que buscavam para o futuro, tendo sido feita uma roda de conversa. No desenvolvimento da dinâmica, a maioria dos estudantes afirmou ter voltado para ser alfabetizado, mas todos com um motivo próprio, que seriam ler mensagens em seus telefones, ler a bíblia, conseguir um emprego formal e conseguir chegar ao ensino médio e futuramente cursar uma faculdade.

O quarto e último encontro buscava compreender qual o sentido da escola para eles, quem os apoiavam, qual sua relação com os componentes que formam a escola e suas experiências das escolas passadas e seus respectivos professores. A maioria dos alunos relacionava a escola com as suas perspectivas e expectativas de futuro, a escola para eles fazia sentido quando entrelaçada a

ideia de aprendizado e objetivos. Afirmaram que suas relações com a escola, os gestores, coordenação eram boas e que dos poucos que já tiveram passagens anteriores com a Educação de Jovens e Adultos a relação com os professores anteriores foi satisfatória, mas que por conta da pandemia a passagem deles nas salas de aula foram curtas.

Diante das experiências vivenciadas com os estudantes da Educação de Jovens e Adultos, foram elencadas algumas categorias que subsidiaram o processo desta escrita. Foram elas: trabalho, infância e escola. Sendo entendida sua importância através da relação desses três tópicos como algo presente em todos os relatos colhidos em nosso primeiro encontro de intervenção.

## TRABALHO

Nesta seção, vamos ter acesso a alguns depoimentos em que os estudantes relembram suas memórias e suas histórias de vida, até chegarem à Educação de Jovens e Adultos. Além disso, destacam algumas das problemáticas que enfrentaram e continuam enfrentando como estudantes. Suas memórias e suas histórias nos ajudam a compreender os percalços pelos quais diversas pessoas tiveram que passar, como o trabalho precoce e a infância praticamente inexistente e mal aproveitada. A Educação de Jovens e Adultos carrega consigo as crianças que esses adultos e idosos foram e que procuram hoje o seu direito à educação escolar.

O trabalho permeia a vida das pessoas desde os primórdios dos tempos, muitos o veem como opcional, por outro lado, outros o têm como a única fonte viável de sustento e garantia de qualidade de vida, principalmente para com os estudantes que terão seus depoimentos evidenciados. O trabalho nestes casos era uma obrigação, não exclusiva, mas na maioria das vezes responsabilidade dos filhos mais velhos. Meinerz (1999, p. 60) afirma que “o desenvolvimento da humanidade nunca foi uniforme, nem igual para todos”. Tendo em vista que muitos dos trabalhos a qual as famílias e as crianças eram apresentadas demandavam muito esforço físico, não existia a opção de não o fazer.

Maria, apresenta o seguinte relato:

Minha irmã mais velha foi trabalhar em casa de família e eu que era a mais velha, pra dar comissão na fazenda tinha que ter o homem e meus irmãos eram menor. Eu era que era a companhia da minha mãe pra fazer... como ela era mulher, a maioria dos fazendeiros não dava horário pra mulher, tinha que ter outra pessoa pra as duas dar a comissão do homem. Aí eu ia trabalhar com a minha mãe, aí trabalhei em várias fazendas e nunca tive a oportunidade de estudar. Depois eu disse, não eu vou casar pra ver se a vida melhorava. Foi pior ainda porque aí tive os filhos e ainda tive que trabalhar pra sustentar o meu

primeiro filho, do meu primeiro casamento, que não deu certo.

Acerca do trabalho, Bosi (1994, p. 471) afirma que “envolve uma série de movimentos do corpo penetrando profundamente na vida psicológica, há o período de adestramento, cheio de exigências e receios; depois uma longa fase de práticas, que acaba confundindo com o próprio cotidiano do indivíduo”. É chegado um momento em que o trabalho se une ao indivíduo, onde este trabalha para viver e vive para trabalhar, proporcionando assim um ciclo, em que o trabalhador não tem valor, é considerado mais uma engrenagem na máquina. No processo de trabalho se perdem e somente após anos e com a oportunidade de estudar, garantida, muitas vezes, através da aposentadoria, para assim terem tempo livre e nem isso garante a dispensa do trabalho. Segundo Bosi (2004, p. 181), “precocemente ele ingressa na fábrica, da noite para o dia ele se torna um complemento da máquina, uma coisa que deve obedecer o ritmo da produção e não importa quais sejam seus motivos para obedecer”.

Valmir, um dos estudantes da turma, apresenta o seguinte relato:

Eu com sete anos, perdi minha mãe! Quem conduz a casa é a mãe, aí fui fazer o quê? Fui trabalhar! Naquele tempo tudo era tratado, nós comia de duas vez e no outro dia só uma, nunca comia três vezes por dia, né? Eu comecei a tirar conta, cambitar, cavar cana, trabalhava nas fazendas, nas usinas, depois trabalhei na Pedreira Monteiro por treze anos e me botaram para fora. Eu trabalhei fora, depois que eu saí da Pedreira Monteiro, eu trabalhei mais de 16 anos pelo meio do mundo, Rio Grande do Norte, Belém do Pará, Pernambuco não sei quantas vezes, Bahia não sei quantas vezes.

O trabalho infantil ofusca o que realmente deveria ter sido vivenciado por uma criança, mas que não prejudica somente a ela, mas toda uma família, crianças menores que se fazem necessitadas do esforço do adulto da casa e dos que se tornam responsáveis por ela. Sendo estas as crianças maiores, que tomam para si um senso de responsabilidade sobre a família e com o intuito de ajudar, não coloca o foco em si, mas em ter o que comer e vestir. Segundo Paim (2011, p.123), “a infância no Brasil e em diversas partes do mundo é marcada pelas enormes contradições sociais vivenciadas pelas diferentes classes sociais existentes”. Desta forma, buscam garantir uma mínima qualidade de vida, seja esta qual for, para si e os demais a qual convive.

O relato a seguir pertence a Roberto, ele vai nos apresentar que:

Naquela época meu pai me deixou só mas minha mãe. Ele me deixou novinho com a minha mãe. Tive que trabalhar com a minha mãe na palha da cana. Eu fiquei de cinco a meus dez anos limpando mato, cortando cana mas o meu vô. Aí quando eu vim morar aqui, eu frequentei a sala de aula, eu comecei a estudar lá em baixo, no colégio Antônio

Amâncio. Aí não deu certo, tive que voltar pra trabalhar com a minha mãe e desisti de estudar. Aí vim pra cá, estudei dos doze até meus quinze anos e depois fui trabalhar mais minha mãe.

A narrativa de Roberto nos remete a um período em que o trabalho, principalmente o trabalho infantil era algo comum, como se não houvesse escolhas e para muitas famílias a escolha realmente não existia, pois a sobrevivência era necessária. De acordo com Bosi (1994, p. 480), “todo e qualquer trabalho, manual ou verbal (...) acaba-se incorporando no sistema nervoso do trabalhador, ao recordá-lo na velhice, investe (...) uma carga de significação e de valor mais forte do que a atribuída no tempo da ação”.

A criança por si só não tem escolha, ela não define sozinha o que pode ou não fazer, então o trabalho com tão pouca idade se torna algo normal. A questão é que a sala de aula abriga várias pessoas que trabalharam sua vida toda, que encontram uma grande barreira em se conectar com a educação, se torna algo opcional, até sem valor, pois esse valor nunca lhe foi apresentado. O trabalho precoce, como o de Ricardo, que trabalha desde os 5 anos de idade, lhe tirou coisas que somente agora, enquanto adulto, e com o poder de suas escolhas ele pôde buscar.

O relato que segue pertence a Francisca, está que relata sobre a falta de oportunidades que não teve e sobre o trabalho de babá, que a impediu de poder ter acesso aos estudos formais. Ela apresenta a seguinte exposição:

Olha, eu comecei a trabalhar desde pequena, minha mãe faleceu. A gente ficou com 5 irmãs comigo, a Joana estudou no Florianópolis, a minha irmã que mora na Capela, ela terminou os estudos, a que mora em São Paulo também. Eu tenho duas irmãs que moram em São Paulo é a Luzia e a Josefina. Tudo terminou os estudos e eu tô aqui aprendendo a fazer alguma coisa, porque a minha mente não dá mais, porque tem hora que não me dá mais vontade de sair. Eu comecei a cuidar do filho dos outros (...) fui pra casa do meu tio morar lá, aí meu pai foi me buscar pra tomar conta das minhas irmãs, aí foi sofrimento mesmo, foi sofrimento mesmo. Meu pai dava em mim (...) eu tenho muito desgosto na minha vida e no meu coração, por causa que as minhas irmãs tudinho sabem ler e eu não sei.

O trabalho, por mais que não seja dos mais severos, tira a oportunidade de construir um futuro diferente, ele pode trilhar os próximos passos de um indivíduo. Sobre isso, Bosi (1994, p. 481) afirma que “a memória do trabalho é o sentido, é a justificativa de toda uma biografia”.

## INFÂNCIA

Nos tempos atuais, a infância é vista de uma determinada maneira, nela existem comportamentos específicos para uma criança, bem como coisas as quais podem fazer ou não, sendo uma delas o trabalho, numa totalidade existe um maior respeito pelo ser criança. Porém, esta nova identidade ao que é ser criança e seus processos é algo recente, há algumas décadas, num tempo não tão distante, a criança não tinha os direitos que hoje tem. A desigualdade imposta a sociedade por esse sistema de classes trouxe consigo uma realidade desigual, na qual existe uma pluralidade de infâncias, em que os sujeitos não passam pelas mesmas experiências. Os alunos que estão na Educação de Jovens e Adultos carregam consigo as lembranças e memórias de suas infâncias, estas que por diversos aspectos se assemelham.

Quitéria vai nos trazer a seguinte descrição sobre a sua infância:

Eu nasci e me criei na Chã do Pilar, já tinha escola, só que a minha mãe nunca fez, foi o primeiro grupo que existiu na Chã do Pilar é aquele CAIC, que passa na pista, aí foi o primeiro grupo que teve, na época eu era criança, a minha mãe nunca levou a gente pra fazer a matrícula da gente, depois foi o tempo que a minha mãe separou do meu pai e meu pai arrumou outra mulher, minha mãe vendeu a casa que a gente tinha e fomos viver de aluguel e comer do dinheiro, depois que acabou teve que morar em fazenda, aí a gente morou em várias fazendas, que já tinha escola, aí minha irmã mais velha foi trabalhar em casa de família e eu que era a mais velha, pra dar comissão na fazenda tinha que ter o homem e meus irmãos eram menor, eu era que era a companhia da minha mãe pra fazer... como ela era mulher a maioria dos fazendeiros não dava horário pra mulher, tinha que ter outra pessoa pra as duas dar a comissão do homem, aí eu ia trabalhar com a minha mãe, aí trabalhei em várias fazendas e nunca tive a oportunidade de estudar.

Quando paramos para refletir que existem essas diferentes infâncias e que cada uma delas depende exclusivamente dos meios financeiros, começamos a compreender as demandas existentes da época. Estas que não eram corretas, situações em que a família, em sua maioria, tinha que participar do processo de trabalho para que pudessem ter sustento faz parte das diversas infâncias encontradas na Educação de Jovens e Adultos. Sobre isso Bosi (1994, p.73), vai nos afirmar que “a criança recebe do passado não só os dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tomaram parte na sua socialização”. Essas diferenciações reforçam a desigualdade vivenciadas no começo de suas vidas.

José vai nos relatar o seguinte:

Meu pai era aleijado de uma perna, criava cavalo, naquela época que vivia assim, comprava cavalo pra charquear. Era três, quatro cavalo solto assim no terreiro, pra eu tomar conta, pra escola eu não podia ir, que era pra tomar conta das cabras, das galinhas, dos animais dele.

O que se pode notar desde o início dos relatos dos estudantes é que o trabalho é entrelaçado à infância, se tornando característica de suas vidas e seus começos de vida. Rosa é outra aluna que vai nos dizer o seguinte: “Eu comecei a trabalhar com 11 anos, eu nunca fui a escola, o meu trabalho foi a palha da cana”. Os relatos são fortes e comoventes, nos fazem refletir sobre como essas crianças foram apresentadas tão precocemente ao trabalho, marcando em suas memórias esse período de suas vidas de uma maneira negativa, mas que contribuíram para a formação de si na atualidade, como em outro momento em que Rosa diz se enxergar da seguinte forma, “eu era uma mulher batalhadora, pra onde me chamavam eu ia, eu faço tudo”. É possível notar que suas infâncias marcaram suas vidas permanentemente.

Paula apresenta o seguinte relato sobre a sua infância:

Eu, minha mãe me botou na escola, mas essas pessoas que moram em fazenda não tem canto certo pra morar, estudava um dia num canto e no outro dia já tava em outro canto né, por dentro de cheia se no lugar tivesse rio, botava a gente pra andar e eu ia pra escola assim, pra arengar com as meninas, até a professora dava cacete, até a professora botava pra apanhar, tanto homem quanto mulher, mas depois minha mãe me botou pra morar com as minhas irmãs, elas foram trabalhar e eu tomava de conta de um monte de criança, tudinho sabem ler, só não eu, graças a Deus eu já sei fazer meu nome, coisa que eu não sabia fazer, sei juntar algumas coisinhas né, chego lá com fé em Deus.

É possível perceber o quanto esses eventos marcaram a infância dessas pessoas, que lembram com afincos os diversos momentos em que passaram por necessidades e precisaram participar de uma maneira bastante presente, em que cada pessoa exercia uma função. Nota-se que ali não existia o ser criança, mas um pequeno adulto que tinha que exercer suas funções em casa. Com o passar dos tempos, essas mesmas pessoas que tiveram suas infâncias inviabilizadas conseguiram compreender o que é este período e a importância da escola nele, como sinaliza Rosilda ao relatar que “eu dei pro meu filho o que eu nunca tive, que foi o estudo”. Encerrando assim essa obrigação do trabalho na infância, dando a eles uma oportunidade de ter uma infância e serem escolarizados.

## ESCOLA

A Educação de Jovens e Adultos abriga em si diversos sujeitos com histórias de vida, e muitas dessas histórias se relacionam com a escola, mas não a escola atual, e sim com seu primeiro contato com a escola. É importante compreender as maneiras que muitos enxergam as vivências obtidas nesse primeiro contato com a escola, pois boa parte desses momentos vividos estão entrelaçados neste aluno que adentra a sala de aula dessa modalidade. Esses primeiros contatos, muitas vezes, orientam as percepções do que se é esperado com a volta à sala de aula após muitos

anos.

Neusa evidencia o seguinte relato sobre seu primeiro contato com a escola:

E estudar a minha mãe me botou na escola, mas eu ia só arengar, todo dia eu brigava na escola, tinha um menino na escola que eu arengava com ele, minha mãe disse logo "vou tirar essa cachorra da escola", eu botava apelido nas meninas, minha mãe me tirou disse "essa vai se criar burra, sem estudar", aí minha mãe me tirou da escola e eu fiquei sem estudar.

A escola sempre foi vista como um lugar de seriedade, local em que o brincar não deveria acontecer, pois estão ali para aprender, esta concepção se instaurou com o passar dos tempos entre as pessoas, esquecendo assim que este lugar é rico em cultura. Segundo Meinerz (2005, p. 162), "a escola não pode ser entendida fora de sua função institucional que pressupõe um ordenamento de regras e normas estabelecidas". Por outro lado, como espaço sociocultural, a escola está sujeita à moralidade e aos hábitos sociais dos grupos que a compõem". Nesse ponto de vista, a escola se torna então um dos lugares que abriga as mais diversas culturas, então quando a criança adentra os muros da escola, ela leva consigo cultura, o que justifica o comportamento tomado por elas dentro do espaço na qual frequentam.

João sinaliza a seguinte narrativa sobre seu período de escolarização:

Eu quero dizer pra vocês que a minha vida de criança, na usina Ouricuri, sempre tive pais muito bom pra mim, que me deu o direito de estudar, não aprendi por conta que a minha vontade era de trabalhar né, mas eu tive muita chance de estudar, nas salas de aula eu era muito arengueiro como a menina - todos riem - naquele grupo ali da usina Ouricuri, não sei se ainda é o mesmo nome, o nome era Virgínia Tenório, não sei se é o mesmo nome, deve ter mudado mas o nome era Virgínia Tenório. E a minha professora era Ana Cristina, e naquela época era tudo diferente, agora não, agora é tudo diferente, agora se a professora for falar abusado com qualquer um de nós aqui, alguém pode até achar ruim e ir simbora pra casa, mas naquela época qualquer coisinha ia logo pra palmatória. Era assim, mas ela não fazia o mal a ninguém, pra gente o que ela fazia, era pra gente tentar fazer o certo, porque se você não for disciplinado, seja na sala de aula, no trabalho titular, é em tudo, se você não for disciplinado todo dia você vai fazer a mesma coisa, mas eu tão terrível, mas tão terrível que ela me disciplinava e eu fazia a mesma coisa, a ponto de um dia ela foi bater na minha mão e ela bateu várias vezes, bateu várias vezes, mas teve um dia que eu não aguentei tomei a palmatória e bati na mão dela. Aí eu tive muita chance pra estudar, mas eu achava muito bonito, eu ficava observando assim o pessoal passando pra trabalhar, achava muito bonito, aí eu dizia vou trabalhar.

A escola tinha uma liberdade em castigar a criança com facilidade quando ela tinha comportamentos não desejados, o que era costumeiro para a época, a impressão que se tem é que a escola ainda não compreendia seu papel. Meinerz (2005, p. 172) afirma que "por sua vez, a escola é uma instituição com uma função tradicionalmente socializadora". Compreender a criança

como ser que produz cultural e que para além disso a transmite é algo recente, então o que encontramos juntos dos diversos relatos desses adultos e idosos é a insatisfação, mas para além disso a surpresa também, em saber que atualmente existem direitos que devem ser respeitados e hoje eles podem sentir na pele a mudança, em que não sofrem castigos ao terem comportamentos, não somente por serem adultos, mas porque a escola se tornou um lugar de direitos.

Paula sinaliza o seguinte:

Eu, minha mãe me botou na escola, mas essas pessoas que moram em fazenda não tem canto certo pra morar, estudava um dia num canto e no outro dia já tava em outro canto né, por dentro de cheia se no lugar tivesse rio, botava a gente pra andar e eu ia pra escola assim, pra arengar com as meninas, até a professora dava cacete, até a professora botava pra apanhar, tanto homem quanto mulher.

O sentido da escola para estes estudantes em seus primeiros anos de vida pode não ter sido claro, o que é compreensível, a escola era algo novo, na qual poucos tiveram acesso e os que tiveram não compreendiam seu principal papel. Atualmente a garantia à educação, independente da idade do sujeito o faz detentor de direitos, entre eles o de acessar a sala de aula e somente sair daquele espaço quando alcançar seus objetivos que dentre vários o de ser alfabetizado é o principal. Para Meinerz (2005, p. 125), “os processos de escolarização incluem a trajetória escolar em todos os seus aspectos, desde a participação numa cultura própria que é escolar, com tradição e historicidade, como destacado anteriormente, até os elementos concretos de aprendizagem de conteúdos básicos, entre eles, ler e escrever”.

O sujeito de culturas adentra a sala de aula pela primeira vez em sua infância e ali se depara com diversos obstáculos, sejam dentro da escola ou fora dela e muitos se evadem. Ali não é visto como um local que traga resultados, não é perceptível para aquele sujeito os resultados que a educação pode vir a ter em sua vida, mas os anos passam e quando adultos retornam, percebem que a escola é fundamental para si e para a sua construção como cidadão no mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este presente trabalho teve como objetivo analisar as memórias dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos sobre a infância, o trabalho e o retorno escolar, com a finalidade de refletir sobre o potencial da memória no processo formativo. A reflexão sobre tais assuntos mostraram resultados referentes à importância da valorização da memória como dimensão social, como reconhecimento da sociedade, mostrando as diversas formas pelas quais as memórias dos sujeitos

podem servir como uma base de dados sobre diversos períodos. Para além disso, o reconhecimento da memória sobre os diversos momentos da vida do sujeito, aluno da Educação de Jovens e Adultos podem trazer benefícios no processo formativo desse estudante.

Em resumo, esta pesquisa explorou a relação entre infância, trabalho e escola e como estes tópicos se relacionam, mostrando como essa relação causa o afastamento das crianças com a escola, através do trabalho infantil e do retorno escolar deve voltado a inclusão desse sujeito a sala de aula como alguém pertencente aquele lugar como direito. Além disso, esta pesquisa pode servir de base para futuros estudos sobre o tema, assim contribuindo para o aprofundamento do estudo sobre a memória como dimensão social e a relação entre infância, trabalho e a escola na vida dos sujeitos da Educação de Jovens e Adultos, bem como os seus impactos.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli. O que é um estudo de caso qualitativo em educação. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998. 484 p.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2. ed. São Paulo: 2004. 219 p.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394/96**. Brasília: MEC, 1996.

CARDOSO, J. Ferreira, M. J. de R. Inclusão e exclusão: O retorno e a permanência dos alunos da EJA. **Debates em Educação Científica e Tecnológica**, v. 2, n. 2, p. 61 a 76, 2012.

COSTA, D. S. P.; AMORIM, A. Desafios e perspectivas dos alunos da EJA na escola contemporânea. **Cadernos de educação básica**, v. 5, n. 3, 2020. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.33025/ceb.v5i3.3051> Acesso em: 6 fev. 2025.

ESTATÍSTICAS SOCIAIS. Em 2022, analfabetismo cai, mas continua mais alto entre idosos, pretos e pardos e no Nordeste. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/37089-em-2022-analfabetismo-cai-mas-continua-mais-alto-entre-idosos-pretos-e-pardos-e-no-nordeste>> Acesso em: 6 fev. 2025.

FÁVERO, Osmar. **Memória da Educação de Jovens e Adultos**. Universidade Federal Fluminense, [s.d].

GOMES, J. A. LIMA, Roberta V. G. O perfil dos estudantes da EJA do 3º segmento e os fatores de permanência na escola. **Revista Outras Palavras**, v. 16, n.1, p. 67, 2019.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Tradução: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Adolescentes no Pátio, Outra Maneira de Viver a Escola**: um estudo sobre a sociabilidade a partir da inserção escolar na periferia urbana. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

MEINERZ, Carla Beatriz. **Representações de história na escola**: construção do conhecimento histórico e construção de si mesmo. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

PAIM, Elison Antonio. Lembrando, eu existo. In: OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de (coord.). **História**: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

Resolução CNE/CEB nº 1, de 5 de julho de 2000.

Resolução CNE/CEB nº 3, de 15 de junho de 2010

SIQUEIRA, André Boccasius. O retorno de jovens e adultos aos estudos formais após 20, 30, 40 anos; **Poiésis**, Tubarão, v. 2, n. 3, p. 33-43, Jan./Jun. 2009. Disponível em: DOI: <https://doi.org/10.19177/prppge.v2e3200932-43> Acesso em: 6 fev. 2025.

VASQUES, Cristiane Cordeiro; ANJOS, Maylta Brandão dos; SOUZA, Vera Lucia Gomes de. Políticas públicas para a Educação de Jovens e Adultos (EJA). **Revista Educação Pública**, v. 19, n. 16, 13 de agosto de 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/16/politicas-publicas-para-a-educacao-de-jovens-e-adultos-eja-a-escola-como-local-de-excelencia-para-a-realizacao-dos-processos-de-ensino-e-aprendizagem>. Acesso em: 6 fev. 2025.